

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

BIXIGA EM BRASA: REFLEXÃO SOBRE *NA SELVA DAS CIDADES* E OS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DO QUILOMBO SARACURA

LOUREIRO, LÍVIA¹

¹ Professora Mestra em Artes Visuais, SENAC, São Paulo, profa.livia.loureiro@gmail.com.

Sessão Temática: Escolher uma sessão temática para apresentação

4 – Cidade e paisagens em disputa

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão à luz de conceitos de Didi-Huberman em dois estudos de caso de eventos históricos de naturezas distintas: a peça *Na Selva das Cidades* (1969), dirigida por José Celso Martinez Corrêa, com arquitetura cênica de Lina Bo Bardi, e os recentes achados arqueológicos do Quilombo Saracura, encontrados durante as escavações da Linha 6-Laranja do metrô, em 2022. Com o objetivo de investigar possíveis respostas às intervenções urbanas ocorridas no bairro do Bixiga em São Paulo. Para o autor, as imagens ardem em contato com o real e conduzem conhecimentos, anseios. Estes dois eventos, podem trazer à tona posições diante da recorrente violência urbana e das tentativas de apagamentos históricos das memórias do território. Serão lidos a partir da ideia de montagem e acervo lacunar trabalhados pelo autor, com uma abordagem interseccional. Propõe-se pensar a cidade como transfiguração das precariedades materiais em potência espiritual, constituindo zonas de resistência, memória e vida. Neste contexto o Bixiga é compreendido como território negro de insurgência e afirmação de formas coletivas de vida, saber e liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Bixiga; Território negro; Teatro; Cenografia; Violência

Bixiga in Embers: A Reflection on Na Selva das Cidades and the Archaeological Findings of Quilombo Saracura

ABSTRACT:

This paper proposes a reflection through the lens of concepts developed by Didi-Huberman, focusing on two case studies of historical events of distinct natures: the play *In the Jungle of Cities* (1969), directed by José Celso Martinez Corrêa with scenic architecture by Lina Bo Bardi, and the recent archaeological findings of the Saracura Quilombo, discovered during the excavations for São Paulo's Metro Line 6-Orange in 2022. The aim is to investigate possible responses to urban interventions in the Bixiga neighborhood of São Paulo. According to the author, images burn in contact with reality and convey knowledge and desires. These two events may bring to light positions against recurring urban violence and attempts to historically erase the memories of the territory. They will be interpreted through the notions of montage and lacunar archive as developed by the author, with an intersectional approach. The paper proposes to think of the city as a transfiguration of material precariousness into spiritual potential, constituting zones of resistance, memory, and life. In this context, Bixiga is understood as a Black territory of insurgency and affirmation of collective forms of life, knowledge, and freedom.

INTRODUÇÃO:

Analisaremos dois eventos no Bixiga, território negro, constituído por presenças multiculturais. Sua ocupação remonta ao Quilombo Saracura, localizado às margens do córrego de mesmo nome.

Segundo Brito, Mendonça e Rolnik (2023), o bairro se estruturou como uma área de baixa renda, caracterizada pela presença de cortiços e atividades ligadas ao artesanato e aos serviços, permanecendo à margem do circuito industrial. Por ser central, negro e pobre, foi alvo de intervenções urbanas, sob o discurso hegemônico da modernização.

Trataremos da encenação de *Na Selva das Cidades* (1969), dirigida por José Celso Martinez Corrêa com arquitetura cênica de Lina Bo Bardi, e dos achados arqueológicos do Quilombo Saracura encontrados durante as escavações da Linha 6-Laranja do metrô (2022). Embora de natureza distinta, um artístico, outro arqueológico, social e separados por mais de cinquenta anos, ambos podem refletir possíveis respostas às ações do poder público, transfigurando violências recebidas em potência poética, espiritual e coletiva. Com isto, nosso objetivo é investigar como práticas artísticas e coletivas revelam resistências à violência institucional.

Utilizamos como chave teórica os conceitos de Didi-Huberman (2012), para quem as imagens ardem em contato com o real, constituindo um meio de conhecimento. Considerando os acervos lacunares, que chegam até nós por processos de seleção, destruição e esquecimento, com caráter aberto e faltante, ensejam conhecimentos históricos e imagéticos. Nesta perspectiva, propõe pensar acervos através da montagem, na qual não se busca recompor um passado perdido, mas aproximar elementos heterogêneos, justapor materiais distintos. Assim, produzir um campo dialógico de interpretação, em que tempos e espaços se cruzam, gerando imaginação. Ambos os estudos de caso possuem natureza fragmentária, carregando potências interpretativas e poéticas.

METODOLOGIA:

A investigação segue um método historiográfico de levantamento e análise de fontes primárias e secundárias. Foram consultados documentos nos acervos do Teatro Oficina, no Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp) e no Arquivo do Fundo Othon Bastos (Funarte), que reúnem anotações de ensaios, fotografias e matérias de jornais.

Para os achados arqueológicos, houve uma visita técnica, em 27 de abril de 2024, junto ao grupo de pesquisa Gepretas (IFSP). Foram acompanhadas as discussões, materiais produzidos pelo Movimento Saracura Vai-Vai, além de audiências públicas. Como moradora do bairro, vivencio sua transformação em um canteiro de obras, marcado por demolições e verticalização.

Articulou-se este material à luz da noção de montagem proposta por Didi-Huberman (2012), cruzando perspectivas da história da arte e dos estudos sociais. Com isso, não realizamos uma leitura direta ou cartesiana dos objetos de estudo, mas uma justaposição de fragmentos heterogêneos, a fim de responder às perguntas de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Na Selva das Cidades, escrita em 1922 por Bertold Brecht, é um texto expressionista que carrega cenas de violência físicas, psicológicas e morais (Mostaço, 2016). O dramaturgo localiza a história na Chicago de 1912, então, símbolo de modernidade. Em cena, dois migrantes: o jovem Garga, do interior, funcionário de uma biblioteca e Shlink, chinês, malaio e negociante de madeiras, que assedia Garga para que venda sua opinião sobre os livros. Os dois protagonistas entram em uma luta de desejo e repulsa, acabando por trocar de posições sociais. Garga torna-se comerciante e Shlink, um miserável que assombra Garga. Digladiando-se na contradição existencial liberdade e amarras sociais.

A estreia da peça em 1969, no Teatro Oficina, ocorreu numa devastação política sob o endurecimento do regime militar, marcado pelo AI-5. Paralelamente, o Bixiga, estava atravessado por obras de grande impacto: a construção da ligação Leste-Oeste, que escavou, fragmentou e dilacerou o território.

Neste contexto, Lina Bo Bardi compõe uma espacialidade cênica que escapa às noções tradicionais de cenografia. Remodela o projeto de Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, retira cadeiras e o palco giratório, para colocar um ringue entre duas plateias. Mas, a violência eleva-se exponencialmente pelo uso de elementos das obras do Minhocão: entulhos, tábuas, lixo e equipamentos. Em uma atmosfera de ruína e caos, ao fim de cada cena, elementos cenográficos são

violentamente quebrados (Fig. 1), para depois serem refeitos e novamente destruídos no próximo espetáculo.

Figura 1. Fotografia da encenação – Teatro Oficina, São Paulo.



Fonte: Bardi, 2008.

Nas paredes do teatro lê-se o slogan da prefeitura “*São Paulo, cidade que se humaniza*”, expressão do racismo institucional que trata certas áreas como inabitáveis (Simone, 2019), dignas de um processo de “humanização” ou “modernização”. Décadas depois, em 2022, novamente, o território é atravessado. Nas escavações para a construção da estação do metrô, são encontrados objetos arqueológicos. Frente à ausência de reconhecimento oficial da relação desses achados com a presença histórica da população negra no bairro, ocorre a mobilização social através do coletivo Mobiliza Estação Saracura/Vai-Vai, formado por moradores, blocos carnavalescos e organizações do movimento negro, com o objetivo de atuar sobre as diretrizes da pesquisa arqueológica, sob objetos que revelam, comprovam a presença negra, de quilombos e de vestígios de rituais associados as religiões de matrizes africanas (Fig.2). Sem essa ação política, a associação dos vestígios ao território negro do Bixiga teria sido descartada, evidenciando mais uma tentativa de apagamento. Por outro lado, a rapidez e força dessa articulação reafirmam a capacidade histórica de resistência e organização do território negro no bairro (Brito; Mendonça; Rolnik, 2023).

O cruzamento entre o Teatro Oficina e o Quilombo Saracura não se dá apenas por estarem no mesmo bairro, mas pela resposta política, seja artística ou comunitária, contra as violências institucionais. O trabalho de Lina Bo Bardi, performa a destruição urbana no palco. Os achados arqueológicos revelam a presença negra no território, garantem reconhecimento histórico e impedem mais um soterramento, ativando memórias conectadas às práticas culturais do quilombo urbano. De ambos, emergem formas de resistência e liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A análise revela como o bairro do Bixiga, historicamente marcado por processos de exclusão e violência institucional, também se constitui como território de resistência e reinvenção. Os estudos de caso demonstram como, em uma cidade inscrita pela constante brutalidade, ainda é possível inscrever gestos poéticos e necessariamente políticos que reacendem potências espirituais (Simone, 2023).

O Bixiga emerge como um território negro em disputa, onde a arte, a memória e a coletividade tensionam narrativas hegemônicas. Se, como lembra Didi-Huberman (2012), as imagens ardem em

contato com o real, convocando nossa imaginação, os achados arqueológicos tomam parte das pessoas que aqui viveram, investindo suas forças espirituais e presenças materiais. Neste território em disputa, nossos arquivos, resultado de violências brutais, ainda assim é possível animar subjetividades e existências de um Bixiga negro que arde em brasa.

Figura 2. Registros de imagem de Exu.



Fonte: Santana, 2024.

REFERÊNCIAS:

- BARDI, Lina Bo. **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e P. M. Bardi, Imprensa Oficial de São Paulo, 2008.
- BRECHT, Bertold. **Na Selva das Cidades**. Teatro Completo em 12 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- BRITO, Gisele; MENDONÇA, Pedro Rezende; ROLNIK, Raquel. **Territórios de exclusividade branca: segregação, negação e enfrentamento do racismo no Planejamento Urbano da cidade de São Paulo**. Revista Brasileira de Direito Urbanístico – RBDU, Belo Horizonte, ano 9, n. 17, p. 35-59, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibdu.org.br/direitourbanistico/article/view/890/636>. Acesso em: 10 set. 2025.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Pós, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/download/15454/12311/42901>. Acesso em: 06 ago. 2025.
- MOSTAÇO, Edécio. **Teatro e política, Arena, Oficina e Opinião**. São Paulo: Annablume, 2016.
- SANTANA, Beatriz. Fotografia realizada durante visita técnica do grupo de pesquisa GEPRETAS. São Paulo, IFSP, 2024.
- SIMONE, AbdouMaliq. **Conferência com AbdouMaliq Simone - Seminário Urbanismo na Bahia - urbBA[23]**. Universidade Federal da Bahia, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zcdx_lhyHDk. Acesso em: 01 ago. 2025.